



Universidade de Brasília Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS

Universidade de Brasília – UnB  
Instituto de Psicologia – IP  
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED



**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO, EDUCAÇÃO  
E INCLUSÃO ESCOLAR – UAB/UnB**

**A INCLUSÃO DO DEFICIENTE INTELECTUAL: O  
DEFICIENTE INTELECTUAL, PAIS E EDUCADORES.**

**ANGELA CRISTINA DE ALMEIDA**

**ORIENTADORA: SUSANA SILVA CARVALHO**

**IPATINGA – MG  
MARÇO/2011**



Universidade de Brasília Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS

Universidade de Brasília – UnB  
Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED



ANGELA CRISTINA DE ALMEIDA

## A INCLUSÃO DO DEFICIENTE INTELECTUAL: O DEFICIENTE INTELECTUAL, PAIS E EDUCADORES.

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, do Depto. de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED/IP - UAB/UnB

**Orientadora:** Susana Silva Carvalho

IPATINGA – MG  
MARÇO/2011

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

ANGELA CRISTINA DE ALMEIDA

## **TITULO DO TRABALHO**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UAB/UnB. Apresentação ocorrida em 30/04/2011.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

---

SUSANA SILVA CARVALHO

---

ELIANA MIRANDA FOCA

*Ângela Cristina de Almeida*  
ÂNGELA CRISTINA DE ALMEIDA

IPATINGA – MG  
MARÇO/2011

## DEDICATÓRIA

Dedico este curso primeiramente a Deus meu Senhor, ao meu Amorzão Valdec. A minha homenagem é para a orientadora Susana que me ajudou, me incentivou nos momentos em que pensei que não conseguiria continuar, obrigada Susana por tudo que você fez por mim.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Senhor toda honra e toda gloria, somente ele renova as minhas forças a cada manhã, agradeço a Deus, a minha família que esteve ao meu lado me incentivando são muitos abençoados minha mãe Maria de Fátima, meus filhos Edécio, Débora, Micaella, Daniel, o netinho Carlos Eduardo. Agradeço também aos meus amigos que choraram comigo e estão sempre sorrindo quando eu preciso, são eles Viviane, Danielle, Adalton, Érita, Romilda, Neli, Mariene, Niran, Sueli e Juliano.

“A inclusão escolar envolve, basicamente, uma mudança de atitude face ao Outro: que não é mais um, um indivíduo qualquer, com o qual topamos simplesmente na nossa existência e com o qual convivemos um certo tempo, maior ou menor, de nossas vidas. O Outro é alguém essencial para nossa constituição como pessoa...”

(MARIA TEREZA ÉGLER MANTOAN)

# SUMÁRIO

<b>RESUMO</b>	<b>08</b>
<b>1 - APRESENTAÇÃO</b>	<b>09</b>
<b>2 - FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICA</b>	<b>13</b>
<b>2.1 – FUNDAMENTOS LEGAIS QUE REGEM A INCLUSÃO MO BRASIL</b>	<b>14</b>
<b>2.2- INTELIGÊNCIA E APRENDIZAGEM, COMO INVESTIGAÇÃO DO CONCEITO DE DEFICIÊNCIA INTELECTUAL</b>	<b>14</b>
<b>2.3 – AFETIVIDADE E SUA INFLUÊNCIA NO SITEMA COGNITIVO</b>	<b>20</b>
<b>2.4 – A FAMÍLIA NO CONTEXTO ESCOLAR</b>	<b>22</b>
<b>2.5 – O ALUNO COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL EM SALA DE AULA</b>	<b>23</b>
<b>3 – OBJETIVOS</b>	<b>27</b>
<b>4 – METODOLOGIA</b>	<b>28</b>
<b>5 – ESTUDOS DE CAMPO</b>	<b>30</b>
<b>5.1 – PROCEDIMENTOS DE ANÁLISES</b>	<b>31</b>
<b>5.2 – ANÁLISE DA PESQUISA</b>	<b>31</b>
<b>5.2.1 – QUESTIONÁRIO SIGNIFICATIVO</b>	<b>37</b>
<b>6 - DISCUSSÕES DOS RESULTADOS</b>	<b>39</b>
<b>7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>45</b>
<b>8- REFERÊNCIAS</b>	<b>53</b>
<b>APÊNDICES</b>	<b>56</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>63</b>
A- Carta de Apresentação – Escola	
B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Professor	
C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Pais	

## RESUMO

Por um tempo, para a escola, a criança precisaria ser muito bem comportada, e ter um mínimo de “capacidade” exigida para aprender as inteligências lingüísticas e a lógico-matemática. Esquecia-se que o ser humano cresce em um momento histórico social com características próprias a cada cultura. Hoje, para compreender a inteligência é preciso falar de contextos e estímulos. E as singularidades de cada ser (tanto biológicas, como sociais, como culturais, como psíquicas) vão delineando as diferenças individuais na estruturação da inteligência. Diante destas questões, buscou-se analisar se ocorria à inclusão de criança deficiente intelectual na rede regular, e caso acontecesse, como é o trabalho com a aprendizagem deste aluno, visto que a maioria continuava a margem da sociedade. Efetuou-se uma pesquisa em uma escola privada, escolhida pela menor quantidade de alunos, sendo este um importante critério para um trabalho de qualidade efetiva, para perceber esta temática, e como cada ator escolar se relacionava com a adolescente síndrome de down incluída. Para adquirir tais informações, optou-se por fazer um questionário com o professor, uma entrevista com a mãe da aluna, e outra com a própria, e por fim, anotações em um diário de campo. Na escola pesquisada, verificou-se a preocupação da direção e coordenação com a problemática, porém pouca busca pelo professor; e os colegas seguindo o exemplo, além de possuírem poucas informações sobre a deficiência, não interagem com a colega, mas não a discriminava. O que ficou exposto é a forma com que o professor lida com estas questões que incidem na aceitação ou não do outro. Estudando a influência da afetividade na aprendizagem, ficou clara a necessidade de aulas mais afetivas, porém o professor mostrou-se bem disposto a conhecer, e a modificar a sua forma de atuação pedagógica.

Palavras-chaves: Deficiência intelectual; inclusão escolar; inteligência; aulas afetivas; interação.

## APRESENTAÇÃO

É sabido que o pensamento, a linguagem, as modalidades afetivas e cognitivas são organizadas a partir de relações entre indivíduos, conseqüentemente, o aprendizado se dá na interação entre pares.

Inúmeras são as teorias que discorrem sobre inteligência, aprendizagem e relações humanas. No contexto escolar, fervilham de paradigmas, no intuito de esclarecer as formas e motivos do aprendizado, qual o melhor momento e como melhorar as interações com as crianças.

Muitos avanços ocorreram nesta área, toda forma de ensino e aprendizagem acontecem hoje nesta perspectiva\_ através da socialização, estudos em grupos, agrupamentos para monitoria, pesquisas em duplas, entre outros; além disso, no último século, começou-se a perceber a importância da afetividade nas relações escolares, para proporcionar um aprendizado mais efetivo, pois, segundo os estudos da psicologia, é no tipo de relação que se tem com o outro que se desenvolve o modo de ser do indivíduo.

Na sala de aula, local de encontro de diversos 'universos', é possível descobrir variados tipos de afetos; e nela, as emoções são inevitáveis. Sabe-se que o processo de aprender é individual, mas é extremamente influenciado pelos fatores externos, pois o ser humano é integral e depende da mente, do organismo (o biológico), do social, e do afetivo, para o desenvolvimento do cognitivo. Outra questão relevante para discussões posteriores, são as relações familiares, pois estas são determinantes para a construção do caráter, e do tipo de relacionamento que a criança estabelecerá com seus pares.

Dessa maneira, a assimilação de informações sozinha não define a capacidade de um sujeito de aprender. Além da questão afetiva, há uma relevante teoria que deve ser levada em consideração, a chamada Teoria das Inteligências Múltiplas, de Howard Gardner. Essa teoria, que será estudada durante esta pesquisa,

abrange o conceito de inteligência que era conhecido até então e dá uma outra visão a forma de aprender.

Devido a aspectos diferentes do ser humano, e diferentes necessidades do mundo atual, precisamos de métodos diversificados, e aquisição de diversos conhecimentos para aplicação prática durante a vida de uma pessoa; a partir dessas afirmativas e de uma exaustiva investigação, percebeu-se que o ser humano é dotado de formas e interesses diferentes de aprender. O autor definiu como capacidade. Então, é possível afirmar que inteligência pode ser estimulada e aprendida por qualquer indivíduo.

Assim, não é mais possível definir uma pessoa como dotada de inteligência e com “possibilidades de aprender”, aquele que aprende conforme lhe é ensinado, e determinar que seja inteligente e tem condições de prosseguir nos estudos, aquele que “aprendeu tudo”, da mesma forma que os outros. O ser precisa de estímulos e ser motivado a aprender aquilo que lhe é apresentado, estando junto com outras pessoas.

Com o deficiente não acontece diferente, há necessidade de estar com o outro para aprender. Além de perceber, através de experiências, que a pessoa que possui algum tipo de deficiência, deposita uma carga emocional muito grande em suas relações, e o outro, o indivíduo perfeito aos olhos da sociedade, acredita-se que tenha medo deste envolvimento. Assim, esta é uma das razões deste estudo: Qual a dificuldade encontrada no outro para relacionar-se com o deficiente?

Desde 1996, ou seja, após a implantação da Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, a inclusão de crianças deficientes no contexto escolar vem sendo amplamente discutida. Hoje é possível encontrar inúmeros artigos, livros e várias outras literaturas acerca desta temática, no que tange a questões pedagógicas, sociais, biológicas e conhecimentos sobre direitos e deveres. No entanto, ainda não é possível verificar a concretização satisfatória no cotidiano escolar.

Talvez a maior barreira para a efetivação da inclusão, é a rejeição da criança já no ato da matrícula. Dessa forma, é negado o direito da criança mostrar suas habilidades, e até mesmo ‘ensinar’ o professor a desenvolver uma prática pedagógica eficaz e inclusiva. Ao invés disso, o que acontece na maior parte das instituições escolares, é a condenação por parte dos professores e/ou da direção escolar, da capacidade de aprender de um indivíduo que apresenta alguma deficiência intelectual. Negam-lhes direitos essenciais de vida, como educação, está junto com seus pares, e direito até mesmo ao lazer.

São questões arbitrárias da vida, e diante disto, propôs-se um estudo teórico sistematizado sobre ainda (apesar de tantos avanços tecnológicos e da globalização) a não inclusão de pessoas com deficiência intelectual nas instituições de ensino; bem como um estudo crítico-exploratório em campo, para perceber se quando acontece de uma criança ir à escola, se há uma inclusão efetiva.

Para se dá tal investigação, buscou-se estudar uma adolescente com deficiência intelectual, por ser portadora de Síndrome de Down, que faz parte de uma turma de 4ª série do ensino fundamental de oito anos, em uma escola da rede particular de ensino, situada no distrito de Posta da Mata, Nova Viçosa, BA. Escolhida por conter menos alunos em turma, acreditando ser uma influência positiva neste processo, e por ser um ambiente escolar com famílias em um nível socioeconômico elevado, acreditando também haver menos preconceito (se este ainda houver) por parte dos indivíduos, já que possui mais informações sobre esta temática.

A pesquisa terá como norte as abordagens de Lev Vygotsky, Paulo Freire, Howard Gardner, além de outros autores que complementarão as idéias centrais da temática discutida. Busca-se aprofundar nestas escritas, objetivando perceber quais fatores influenciam positivamente ou negativamente a aprendizagem de uma deficiente intelectual em uma escola regular do ensino fundamental, e quais as relações com os sujeitos sociais: colegas, professores, funcionários, crianças de outra turma, e famílias dos outros alunos (da escola).

Para tais aprofundamentos, buscar-se no primeiro capítulo do referencial desta pesquisa, fundamentos legais que rege a inclusão escolar no Brasil, bem como suas

políticas públicas; em seguida serão abordados os conceitos de inteligência e aprendizagem, como investigação do conceito de deficiência intelectual. No próximo capítulo, devido a possível influência da afetividade na instituição escolar, estudar-se-á o conceito de afetividade e sua influência no sistema cognitivo; no quarto, e como sequência do anterior, será investigado sobre a família no contexto escolar, e o quanto esta relação está ligada ao aceitar ou não uma adolescente deficiente intelectual em seu meio; e por fim no último capítulo, o aluno com deficiência intelectual em sala de aula.

Para efetivação desta investigação, está será uma pesquisa qualitativa, por permitir diálogo formal e informal entre investigado e pesquisador, além de possibilitar uma gama maior de ambientes e situações a serem investigadas, ela é também, um estudo crítico-exploratório, através de uma investigação de campo, de modo a observar ações cotidianas, em suas mais diversas situações, onde as anotações estarão em um diário de campo, para equiparações e relatórios futuros.

Procurando considerar as opiniões dos envolvidos, serão utilizados questionários escritos que serão aplicados em todos os atores da comunidade escolar estudada, principalmente para a verificação da opinião da adolescente em questão.

Após as análises dos resultados, pretende-se entregar um relatório descritivo ao regente da turma, com algumas sugestões de intervenções, com o intuito de possibilitar um desenvolvimento cada vez mais significativo do aprendizado da criança com deficiência intelectual e outras deficiências, para assim contribuir para a inclusão de pessoas com deficiência nas salas de aulas do país.

## **2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Desde 1996, ou seja, após a Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, a inclusão de pessoas de deficientes no contexto escolar vem sendo amplamente discutida.

O que se sabe, é que a escola é uma instituição escolar; e como tal, reflete as questões que ora se apresenta na sociedade. Para vários estudiosos, ela é tida como a segunda instituição da vida de uma criança; além disso, nela há um encontro de variadas culturas e ideais existentes na comunidade. Tal encontro é responsável pelos conteúdos sistematizados pela sociedade, através de um currículo que se torna único e dominador para todos os indivíduos. Sendo assim, a diferença individual, seja devido a uma deficiência, ou a características individuais, não são levados em consideração.

Para Antunes (2004), a aprendizagem se dá através de um processo pessoal, que sofre influencia de estímulos externos, norteados o desenvolvimento do conhecimento e do caráter, pois como ser integral, ele utiliza todos os seus aspectos neste processo, o cognitivo, o biológico (organismo) e a mente (o afetivo); bem como suas relações interpessoais.

Assim, para se investigar a inclusão de um deficiente intelectual em uma sala de aula regular de ensino, a que se considerar, o que realmente os estudos propõem sobre os conceitos de aprendizagem e inteligência e o papel das influências externas no processo de aprender. Além de se buscar embasamento legal na inclusão escolar do país.

### **2.1 – Fundamentos legais que rege a inclusão escolar no Brasil**

As políticas educacionais devem ser desenvolvidas em consonância com a ampliação e melhoria do direito à educação.

Quanto à educação especial, são muitas as discussões em torno destas questões, pois a legislação que garante os direitos das pessoas com deficiência vem melhorando a cada dia mais, porém a falta de políticas públicas para esta, dificulta a efetivação da lei. Tanto em relação a recursos, quanto as questões humanas. Padilha confirma esta afirmação enfocando a extrema ligação entre efetivação dos direitos e o trabalho pedagógico como um dos requisitos para a formação do cidadão. “O problema está na falta de uma política de educação que considere, respeite e promova o acesso dos deficientes à educação que eles necessitam e a qual, como cidadãos tem direito”. (PADILHA 2001, p. 38).

Segundo Almeida, no que concerne ao início dessa discussão,

“... emergiu diante de quatro eixos: da emergência da psicanálise; da luta pelos Direitos Humanos; da pedagogia institucional e; do movimento de desinstitucionalização manicomial ou antipsiquiatria” (2004, p. 15).

A necessidade de inclusão nesta época já se tornava gritante. Essas pessoas não eram vistas nem nos bancos escolares, nem em outros setores da sociedade, salvo algumas famílias que enfrentavam a discriminação e apresentavam de forma natural seus filhos à sociedade.

## 2.2 - Inteligência e aprendizagem, como investigação do conceito de deficiência intelectual.

“... a educação deve patrocinar a bagagem cognitiva e ao mesmo tempo fornecer, de algum modo meios para que o educando possa selecionar essas informações, separando o trigo do joio, o essencial e imprescindível, do fútil e transitório.” (ANTUNES, 2004, p. 11 e 12)

A escola atual trabalha focando o raciocínio lingüístico, histórico, filosófico e lógico-matemático. E tudo deve acontecer em tempo recorde, pois é preciso aprender para exercer uma profissão, ao fazer parte do mundo do trabalho.

Esse foco, portanto se distancia do que Antunes descreve que educação deve pretender formar cidadão, capaz de saber discernir as oportunidades que a

sociedade lhe apresenta. Todo esse caráter cognitivo deve vir imbuído de afetividade, pois o educando como ser integral, em sua aprendizagem, a construção de conhecimento acontece na interação das informações a serem assimiladas e da afetividade. Pois muitos autores consideram a afetividade fator determinante para o processo de ensino e de aprendizagem.

Sobre essa constatação, Dantas cita Wallon ao dizer que a afetividade não é apenas uma das dimensões da pessoa, mas é uma fase de desenvolvimento mais arcaico, “pois no início da vida, afetividade e inteligência estão misturadas” e o autor ainda diz que é a primeira que desenvolve a inteligência. (1992).

Sabe-se que no interior do processo educativo existem sujeitos que possuem necessidades e potencialidades diferentes. Um trabalho pedagógico efetivo busca garantir o pleno desenvolvimento, tanto no âmbito pessoal, quanto social, e para isso deve-se trabalhar nas relações sociais na escola. Essa integridade do ser era bastante explorada por Paulo Freire, ao tratar o processo de ensino e aprendizagem a partir de contradições, mediações e troca de experiências. Aprendem tanto o estudante, quanto o professor, num processo dialético. (FREIRE 1997, 2003)

Assim, percebe-se que para aprender o educando estabelece relações com o professor, os colegas e outros, de forma dinâmica e interdependente. O professor Rubem Alves também acredita que o cognitivo sozinho não determina a aprendizagem, para ele, “a ciência sozinho não basta para estabelecer a convivência inteligência entre os homens” (ALVES 2002:44).

Sobre o conceito de inteligência, há inúmeras definições e discussões sobre o que inteligência, como se aprende e as competências necessárias para este processo. Aqui ainda caberia uma questão: Todos podem aprender? A pessoa deficiente desenvolve a inteligência? É capaz de aprender?

Dentre vários autores, destacaremos os conceitos de inteligência, competência, aprendizagem e deficiência intelectual.

No site da Associação de Pais e amigos dos excepcionais de São Paulo, o termo deficiência intelectual é definido segundo o conceito da Associação Americana de Deficiência mental, “trata-se de um funcionamento intelectual inferior à média (QI), associado às limitações adaptativas em pelo menos duas áreas de habilidades (comunicação, autocuidado, vida no lar, adaptação social, saúde e segurança, uso de recursos da comunidade, determinação, funções acadêmicas, lazer e trabalho), com início antes dos 18 anos.”. (acesso em 22/03/2011).

Porém, essa definição se deu a partir de um parâmetro de definição das pessoas, “medindo” o que o indivíduo sabia baseado em um parâmetro estagnado e único. A organização da saúde, através do Código Internacional de Doenças (CID 10), utiliza uma classificação (leve moderado e profundo; 70-79) que ainda leve em consideração o Coeficiente Intelectual (QI). Porém, a própria Organização Mundial ainda não encontrou uma única definição para o termo, devido à dada complexidade de se lidar com essas questões.

Batista e Mantoan (2007, P.15), em um artigo para o MEC, clarificam que “A deficiência mental não se esgota na sua condição orgânica e/ou intelectual e nem pode ser definida por um único saber. Ainda é uma interrogação e objeto de investigação de inúmeras áreas do conhecimento.” (BATISTA E MANTOAN, 2007: 15). Portanto, como estabelecer o que e o quanto é aprendido por uma pessoa com deficiência se o diagnóstico exige uma série de procedimentos? Outra relevante reflexão, é acerca do apontamento de alguém ter ou não alguma deficiência intelectual, compara-se o que lhe falta, o que não sabe fazer, e o não conseguir, mas somente em padrão hegemônico pré-estabelecido.

É possível verificar neste ponto, que novamente a prática é o ponto de partida, pois se o ser é um sujeito social e histórico, e constrói-se na interação com o outro, na prática perceberá que não será possível estabelecer o quanto uma pessoa pode aprender, e como, pois isso dependerá de que tipo e em qual intensidade se deu a relação com o outro. Nesse sentido Padilha (2001, P.15) traz a seguinte questão: “o que é aprender, senão interpretar e produzir modos de significação, modos de conceber o mundo, as coisas e as pessoas quando das relações interpessoais?”.

Assim, para a consolidação do processo de aprendizagem o aluno precisa realizar constante trocas de experiências, tenha ele ou não alguma deficiência.

Mantoan (2004:84) ainda nos traz o aprender como dependente do estímulo externo,

“Não sabemos de antemão, como e quanto alguém será capaz de aprender e por que meio alguém chega a ser um pensador, um artista, um profissional, um artesão, um trabalhador, enfim. Nem a partir de que encontro com o outro e com a vida, com os fatos alguém se pôs a pensar, a distinguir, a definir um caminho para a sua existência.”

Quanto ao conceito de inteligência, para Gardner, “é a capacidade de resolver problemas ou elaborar produtos importantes para uma comunidade cultural” (apud ANTUNES, 2004, p, 7). Gardner contrapôs os testes utilizados até pouco tempo (o conhecido QI) que pensava-se “medir” (com resultado em números) o quanto o indivíduo tinha condições de aprender. Com estes testes, o ser humano era taxado de inteligente, medíocre, ou “burra”, a partir da visão antiga que se tinha de inteligência, sendo ela, simplista, unitária e quantitativa. Além de serem analisadas somente duas inteligências (das 08 inteligências do autor) - a lógico-matemática e a linguística. Dessa forma, as pessoas eram rotuladas por toda a vida, e em todas as dimensões do ser. Outra questão contrária era que só usava-se testes relacionados a duas inteligências: a lógico-matemática e a lingüística.

Após tais testes, o professor Howard Gardner fez inúmeras experiências, e ao conceituar inteligência conforme supracitado sistematizou seus estudos criando a Teoria das Inteligências Múltiplas. Afirmou que todas as 08 inteligências estão intrínsecas em todos os seres humanos, porém, em graus variados, mas de forma inter-relacionadas. As oito inteligências defendidas por Gardner são: Inteligência verbal-lingüística; inteligência lógico-matemática; inteligência visual-espacial; inteligência rítmico-musical; inteligência corporal-cinestésica; inteligência interpessoal; inteligência intrapessoal, e inteligência naturalista.

É relevante citar que o autor diz que todas as inteligências são possíveis de se desenvolver, e que só depende do ambiente e dos estímulos propícios (2000). “Assim, o perfil de inteligências de uma pessoa pode mudar com as atividades efetuadas” (RAMOS, 2002, p. 28). Além disso, cada inteligência acontece de

maneira diferente em cada indivíduo, por exemplo, a inteligências dominantes em uma pessoa, que pode não aparecer em outra, Ramos citando Gardner, diz que uma inteligência não existe separada da outra. (2002).

É interessante também observar o conceito que Antunes traz de inteligência, que é saber escolher a melhor solução entre duas ou mais opções, também quando construímos algo conscientemente através de escolhas, para resolver problemas. O autor ainda completa dizendo que as escolhas podem acontecer diferentes em cada indivíduo, porque são hereditárias e sofrem adaptações biológicas (ANTUNES 2004).

Para tanto, é possível afirmar que todo ser humano é inteligente em potencial, por ele ser biopsicológico. Ou seja, o estímulo para que a aprendizagem se desenvolva é externo, mas a resposta é interna.

Antunes, ainda relata que os sujeitos já nascem com suas inteligências, só precisam ser estimuladas, significativamente. (2004) Para ele, “a escola e particularmente a ação do professor em sala de aula pode – e deve - despertar e ampliar as inteligências” (2004, p. 19).

Sobre isso, Vygotsky concebe as aprendizagens dependendo das interações sociais estabelecidas, e não da inteligência do sujeito, pois para ele, durante o processo de aprendizagem, acontece um intenso conflito interno, onde há desequilíbrio das verdades do sujeito e apreendimento de informações externas, acontecendo à assimilação do objeto estudado, e por fim o sujeito passa a ressignificar conceitos. (1987). Dessa maneira, o indivíduo é um pesquisador e adquire seu conhecimento diante das informações que recebe na interação social, e constrói seu aprendizado mediante sua maturação interna. Diante dos conhecimentos, adquiridos, ele age sobre seu meio social produzindo cultura, transformando a história e se transformando. Assim se estabelece o processo de aprendizagem.

Diante das relações afetivas entre os indivíduos, Celso Antunes diz que aprender nada mais é do que descobrir significado, estabelecer conexões, associar o que se

ouve das experiências e emoções vividas. (2004). E essa aprendizagem só acontece mediante um diálogo permanente com seus pares.

Após o exposto, percebe-se que se para aprender o sujeito mobiliza elemento cognitivo, afetivo, estético, lúdico, social e físico, então é possível afirmar que a pessoa que possui qualquer deficiência também tem potencialidade para aprender, além disso, mediante a teoria das inteligências múltiplas, no qual todo ser possui os oito tipos de inteligências, restando saber quais estão desenvolvidas, quais poderão ser estimuladas a desenvolver-se e quais terão dificuldades maiores, o que se precisa e criar situações motivadoras, onde o professor deve ser um facilitador da aprendizagem, e a escola deve ser vista, não só pelos conteúdos sistematizados a que se propõe, mas pelas oportunidades de troca de experiências, que são indispensáveis para a aquisição das informações que a partir do equilíbrio emocional e do clima de afetividade, serão transformadas em conhecimentos.

Uma sociedade do conhecimento exige uma escola com um novo jeito de ensinar e aprender, onde todos tenham os mesmos direitos e deveres, sendo-lhes oferecida às mesmas oportunidades, e entendendo que o mérito da educação é desenvolver o máximo das potencialidades de cada indivíduo, e que devem ser buscadas a possibilidades de superação, compensação e equilíbrio funcionais.

Diante de todas as questões elencadas, é possível fazer algumas conclusões, primeiramente, que os seres humanos possuem várias aptidões, e que segundo Gardner (2000) e Antunes (2004), as inteligências são intrínsecas e que são passíveis de serem estimuladas, falar que alguém tem deficiência intelectual, não o faz uma pessoa sem inteligência. Quanto à aprendizagem, que essa se dá em todos os espaços onde haja atividade humana, de forma intencional ou não.

Para que a assimilação do conhecimento (teoria desenvolvida por Lev Vygotsky) se dê de maneira coesa, todas as esferas do ser humano (biológica, social, cultural e psíquica), devem se dispor ao aprendido.

Por fim, é relevante citar o que diz Salustiano (e et al), no que concerne aprendizado do deficiente, ao afirmar que:

“Os resultados da pesquisa indicam que aos alunos com deficiência mental são capazes de se apropriar, através da mediação pedagógica, não somente dos conhecimentos relativos à aprendizagem da língua escrita, mas também das estratégias utilizadas pelo mediador” (2007, p.80).

### 2.3 – Afetividade e sua influência no sistema cognitivo

A afetividade e a educação são desafios para a aprendizagem significativa, e consiste num processo de educação para a vida, numa parceria entre família, escola e comunidade (sendo essa também tão importante no sucesso da aprendizagem).

Na sala de aula encontram-se os diversos tipos de afetos, e as emoções são inevitáveis na escola. O desafio do professor torna-se enorme na tarefa de educar. É preciso preparar aulas afetivas, e estabelecer vínculos entre professor e aluno, e tornar a experiência da sala de aula como autênticos processos de aprendizado.

A relação professor-aluno, está imbuída de troca de afetividade. O espaço educativo é um ambiente propício a esta troca, além de ser discutidos por inúmeros autores, a relevância da influência do contexto cultural e social para o desenvolvimento do indivíduo, pois é na aproximação com o outro que construímos nossos conhecimentos e hipóteses. E é no cenário da sala de aula, que deve se confrontar toda discussão teórica e a busca da solução prática.

Maciel e Raposo citam Morin ao dizer ser bidirecional a relação sujeito e o meio onde vive, pois “influencia e é influenciada pela cultura e pelo contexto social no qual fazemos parte.” (2010, p.12). Segundo as idéias de Freire, é possível afirmar que não há construção de conhecimento, se não há interações sociais em sala de aula com os colegas e principalmente com o professor, pois “nenhum desses passam pelos alunos sem deixar sua marca” (2003, p.66). Assim o professor precisa se abrir ao outro, por que já não dá para “não acreditar que a relação entre educador e educando é de pura troca, de puro aprendizado”. (CHALITA, 2003, p.137).

Na troca de sentimentos, surgiu o respeito e a confiança, ou o medo e a desconfiança. Por este motivo, é de fundamental importância que o professor prepare aulas levando em consideração a dinâmica de convivência grupal, para tanto, é necessário que ele entenda a práxis dentro de um contexto social de cidadania, pois segundo uma enorme gama de psicólogos, o homem depende do outro para se desenvolver. E essas interações são complexas, entretanto decisivas para a realização do indivíduo (Chalita, 2003).

Portanto, necessita-se de um olhar mais rebuscado sobre a afetividade no contexto da sala de aula, para que se possa proporcionar um processo de construção do conhecimento mais autêntico diante das necessidades do educando.

No cotidiano escolar, perpassa todas as temáticas que envolvem o desenvolvimento social do ser. E a base do seu crescimento é o convívio, ou melhor, a troca de experiências entre indivíduos, levando em consideração que a cada um deve ser possibilitado que construa sua individualidade. Já foi comprovada em diversas pesquisas que o relacionamento humano é peça fundamental em qualquer organização social; é complexo, entretanto decisivo para a realização plena do indivíduo.

Outra questão relevante no processo social é o diálogo. Quando este acontece, há uma troca considerável de saberes, emoções e sentimentos. Muitos autores (entre eles, Antunes (2004); Vygotsky (1987); Gardner (2000) e Freire (1997)) colocam estas questões como importantes para a formação do ser, e influenciam significativamente o cognitivo.

Pesquisas científicas dizem que as atividades mentais trabalham unificadas, ou seja, os dois lados se envolvem em praticamente todas as tarefas que o sujeito faz (Ramos, 2002). A autora traz ainda um exemplo, da influência da afetividade sobre o sistema cognitivo: em uma aula, seja qual for o conteúdo, o hemisfério esquerdo processa o que foi dito (racional: as informações); e o direito, como foi dito (emocional: expressões). Assim, o relacionamento do ser humano é feito através da percepção, da consciência, da intencionalidade, para ocorrer a equilibrção de informações, o indivíduo precisa se dispor à assimilação, e para acontecer tal

equilíbrio, o sujeito como ser histórico e social, se envolve afetivamente com o que será assimilado.

## 2.4 – A família no contexto escolar

As relações que são estabelecidas no núcleo familiar são determinantes para a formação do caráter, e se há quebra neste vínculo, se os laços afetivos são negativos, as consequências influenciarão toda a vida do indivíduo, e afetará seu desenvolvimento e sucesso escolar.

A família e a escola devem ser vistas como parceiras e como contextos de desenvolvimento humano. E mediante a participação da família na educação escolar, Chalita afirma que:

“Por melhor que seja uma escola, por mais bem preparados que estejam seus professores, nunca vai suprir a carência deixada por uma família ausente (...). Qualquer projeto educacional sério depende da participação familiar” (2004, p.17).

È na família que são desenvolvidos os valores, hábitos e idéias sobre si e a sobre a sociedade que o cerca. Em uma sociedade inclusiva, a família é de fundamental importância para a inserção da criança no meio social. E a escola como uma esfera da sociedade e a segunda instituição social na qual a criança participa, os pais precisam está presente na vida escolar do filho constantemente.

O diálogo entre conhecimentos adquiridos em outros espaços escolares, principalmente na sua cultura familiar, fará parte dos conhecimentos adquiridos por cada indivíduo, e influenciará a sua vida como um todo, e os conhecimentos sistematizados historicamente pela escola, serão anexados para formar a personalidade do ser.

Se ocorrer uma distancia entre a família e a escola, muitos autores afirmam que há um prejuízo no desempenho escolar do filho. A escola precisa que os pais ajudem no desenvolvimento de algumas tarefas, principalmente em se tratando de criança com deficiência, pois esta requerer algumas atividades específicas. A escola deve

valorizar o saber dos pais, assim como os pais precisam se interessar e procurar informações que ajudem à educação de seu filho. Esses diálogos e trocas de informações aproximam a família e a escola e fica mais fácil o deficiente alcançar resultados.

É uma tarefa e um desafio da escola assumir efetivamente, em parceria com a família, a função de proporcionar aos alunos a oportunidade de evoluir enquanto cidadãos. E é através dessa mediação, entre escola, família e autoestima, que o objeto de conhecimento ganha significado e sentido mais completo. Conforme supracitado, a criança é um ser integral, e como tal precisa de todos os seus aspectos para aprender; assim, a escola sozinha não pode ser responsável pelos sucessos e fracassos dos alunos, mas deve ter consciência que é essencial na formação sistemática.

## 2.5 – O aluno com deficiência intelectual em sala de aula

“O tratamento dado aos corpos portadores de necessidades especiais é produto das ações sociais, culturais, políticas, religiosas do ser humano.”  
(DUARTE JR).

O aluno deficiente é participante, com menor ou maior envolvimento, de uma sociedade dinâmica, que lhe oferece inúmeras experiências desafiantes. Ele é resultado de um processo histórico, e na maioria das situações atuais no país, um histórico de discriminação escolar e social.

Conforme observação feita por Duarte Jr., a forma com que se trata a pessoa com deficiência intelectual muda de acordo as informações da época. E isso reforça os casos de discriminações.

A escola, como segunda instituição social que a criança convive, acaba por trazer todo esse histórico para as interações. Uma sociedade capitalista preza por indivíduos que nada o impeça de contribuir com o crescimento do lucro. O tempo de produção se torna fundamental para a indústria, conseqüentemente, não há como esperar o tempo individual, pois, é necessário que todos sejam produtivos.

Dessa forma, cabe a escola transmitir, cada vez mais rápido somente aquilo que é responsável para alcançar seus objetivos. Portanto, “o tempo escolar se torna precioso” para transmissão de conteúdos históricos, e resta pouco “tempo” para pensar nas necessidades individuais.

Por este motivo, o ensino da escola regular ainda continua marcado por métodos de transmissão de conhecimentos, e que não traz estímulo algum para o aprendizado. É possível hoje dizer que muitas vezes ocorrem problemas de ensinagem, e não só de aprendizagem.

Em um contexto inclusivo, é necessário trabalhar com sequência didática intencional; pautadas na diversificação do modo de enxergar o mundo. A intervenção pedagógica intencional deve assegurar uma aprendizagem ampla, objetivando avanços nos processo de ensino e aprendizagem, além de potencializar as individualidades de todos os sujeitos, tendo ele deficiência ou não.

Portanto, não é possível conceber uma educação que segue contra esta linha de estímulo. Desafios educativos deve ser a base dos métodos, objetivando alcançar as habilidades de cada indivíduo.

O professor deve ser a todo instante um profissional pesquisador-reflexivo, fazendo de sua sala de aula um espaço de investigação constante, de modo a direcionar seu fazer pedagógico, e assim obter avanços acerca das interações em sala de aula e do desenvolvimento do processo de ensino e aprendizado dos educandos com deficiência. Para isso, o professor precisa intensificar as relações interpessoais e garantir aos envolvidos, a oportunidade de tornarem-se parte importante deste processo.

“Acreditamos que não são os especialistas nem os métodos especiais de ensino escolar que garantem a inserção de todos os alunos à escola regular, mas que é necessário um esforço efetivo e coletivo, visando transformar as escolas e aprimorar a formação dos professores para trabalhar com as diferenças nas suas salas de aulas.”. (MANTOAN, 2004, p.80)

O ensino tradicional possui uma série de limitações, segundo Mantoan, quanto às condições organizacionais do trabalho pedagógico (2004), e dessa forma, não há

um trabalho qualificado para nenhum indivíduo. Um trabalho pedagógico significativo permite o desenvolvimento das habilidades e competências de todos os indivíduos. Os alunos se abrem à aprendizagem conforme os professores organizam as atividades de aula. As diferentes formas de interação promovidas pelo professor têm diferentes efeitos sobre a motivação, pois “nenhum desses passam pelos alunos sem deixar sua marca” (FREIRE, 2003, p.66). Assim o professor precisa se abrir ao outro, por que já não dá para “não acreditar que a relação entre educador e educando é de pura troca, de puro aprendizado”. (CHALITA, 2003, p.137).

O que Mantoan, Freire e Chalita abordam, é a necessidade de se manter um diálogo permanente em sala de aula, com o aluno deficiente, como também com a família deste e dos demais alunos. O equilíbrio e desequilíbrio das trocas de saberes que ocorrem no espaço da sala de aula dependem dos relacionamentos existentes entre todos os envolvidos. E conforme visto acima, todo sujeito, mesmo sendo deficiente intelectual, nasce com diversas aptidões (Gardner), e tem o direito de ser estimuladas (Antunes) no ambiente da sala de aula.

Segundo Freire, em pedagogia do oprimido, o conhecimento é dialógico. O que deve acontecer é um ambiente de aprendizagem significativa, através do estabelecimento de uma relação crítica-reflexiva entre professor e aluno. E a mediação de um ser social mais experiente (Vygotsky) permitirá o desenvolvimento de todas as tarefas disponibilizadas em sala de aula.

É função do educador formar cidadão crítico, e capaz de desenvolver-se em todo e qualquer ambiente, no “triplo movimento de reflexão na ação, de reflexão sobre a ação e de reflexão sobre a reflexão na ação” (Maciel e Raposo, 2010, p.22). Bem como é função da escola oportunizar a construção do conhecimento a todos os cidadãos, pois há possibilidade de todo ser humano desenvolver-se, e se tornar um cidadão capaz de exercer sua cidadania.

Para garantir uma educação de qualidade a aquele que possui algum tipo de deficiência, precisa-se viabilizar o acesso ao processo de aprendizagem democraticamente, dinamizando o currículo, de modo a adequar os objetivos, o

desenvolvimento dos conteúdos e o processo avaliativo. As adaptações citadas são descritas nos Parâmetros Curriculares Nacionais – Adaptações Curriculares, como:

“... possibilidades educacionais de atuar frente às dificuldades de aprendizagem dos alunos. Pressupõe que se realize a adaptação do currículo regular quando necessário, para torná-lo apropriado as peculiaridades dos alunos com necessidades especiais. Não é um novo currículo, mas um currículo dinâmico, alterável, passível de ampliação, para que atenda realmente a todos os educandos” (1998, p. 33)

Dessa maneira, as adequações devem ser significativas, de modo que organize os procedimentos didático-pedagógicos e favoreça a participação integral de todos os educandos na sala de aula da escola regular.

### 3– OBJETIVOS

#### Objetivo Geral:

- Diagnosticar o processo real de inclusão de uma deficiente intelectual no contexto escolar, a partir do relacionamento interpessoal entre profissionais de educação, as famílias e a própria adolescente, através de análises de comportamento e conversas com os sujeitos;

#### Objetivos específicos:

- Verificar se acontece e como é a inclusão da pessoa com deficiência intelectual no ambiente escolar;
- Analisar o envolvimento dos pais e educadores quanto à aceitação da relação entre o colega com deficiência e os outros alunos da turma, bem como os benefícios e malefícios desta influência;
- Compreender como se dá a construção do vínculo afetivo entre professores e alunos, e em qual proporção isso influencia a aprendizagem da pessoa com deficiência;
- Conhecer a relação interpessoal entre os colegas da turma e a adolescente com deficiência.

## 4 – METODOLOGIA

Buscando validar a influência da forma de socialização e integração de crianças que possuem alguma deficiência, no contexto escolar; fez-se uma revisão bibliográfica das questões elencadas, e uma pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva dos acontecimentos históricos educacional-sociais, na escola investigada ( de Educação infantil e Ensino Fundamental).

A instituição é privada, escolhida intencionalmente. Buscou-se uma instituição com esta estrutura, pois, subtede-se que os atores sociais que a ela pertencem, possuem um nível maior de informações culturais, e conseqüentemente os indivíduos (e suas famílias) diminuiriam o preconceito, e aumentaria a integração. Outro critério para a escolha, é o menor número de alunos nas turmas, pois possibilita um contato mais freqüente entre professor e alunos, e possibilitaria um maior número de intervenção, necessidade esta para a aluna, objeto de estudo desta pesquisa.

E para obter respostas concretas e com os principais atores da escola, organizou-se uma pesquisa qualitativa, por acreditar que este método, permite uma relação mais intensa entre pesquisador-investigado, permitindo um diálogo entre eles, além de novas produções de conhecimentos. A investigação ocorreu em quarenta horas (40) de observação em sala de aula, e nas principais atividades da turma (como por exemplo, no recreio e nas aulas de educação física).

Para recolher dados da pesquisa, construiu-se um questionário com questões reflexivas para entrevistas dialogadas, sendo elas com o professor e os alunos da turma, além da própria adolescente, e sua mãe; bem como a observação do contexto escolar, com a construção de um diário de campo, que permitirá embasar a investigação em experiências reais, e vivenciadas pelo pesquisador. É necessário ressaltar, que as respostas dos questionários e as anotações cotidianas no diário de campo, possibilitarão equiparar os resultados, para que desse modo sobressaiam às relações sociais na instituição, e para verificar se há, e em quais momentos ocorrem, os conflitos durante o processo de aprendizagem.

No decorrer do estudo observou-se a necessidade de conduzir para os alunos, questões de maneira informal, através de um processo interativo, e estas se deram mediante um questionário com questões paralelas a do profissional da sala de aula.

Após serem recolhidos os questionários, e feita à sistematização das anotações do diário de campo, os instrumentos serão analisados e equiparados. As informações serão discutidas juntamente com pensamentos de teóricos que embasam cada questão lançada, verificando se responderam os objetivos propostos, mediante a tabulação da porcentagem de colegas da turma que interagem com a adolescente de forma satisfatória.

De posse das análises dos registros, e das análises dos questionários, espera-se compreender se efetiva a inclusão de pessoas com deficiência no contexto escolar, oportunizando o processo de aprendizagem de todos; e como a família se insere neste contexto. Será entregue para o regente da turma um relatório descritivo com algumas considerações e sugestões de intervenções, com o intuito de possibilitar um desenvolvimento mais significativo da adolescente com deficiência intelectual.

## 5 - RESULTADOS

O desenvolvimento do indivíduo se dá em um contexto social, onde ele se transforma conforme suas experiências; e é na escola que ele entra em contato com uma sociedade mais vasta, onde lhe é ofertado um maior número de relações interpessoais. Segundo uma enorme gama de psicólogos, a 'construção' integral do ser se faz nestas relações, porém, é relevante levar em consideração, que a interação social está imbuída de fatores internos e externos, tanto do indivíduo, quanto da instituição.

Foi a partir dessas relações, que se fez esta pesquisa, de modo a perceber a dinâmica de inclusão do deficiente intelectual, na escola regular atual. Para tanto esta se deu num período de 40 (quarenta horas) de observação em sala de aula, e nas principais atividades da turma (como por exemplo, no recreio e nas aulas de educação física) possibilitando uma gama maior de ambientes e situações a serem investigadas.

Optou-se por uma instituição de ensino privada, para perceber ser por ter menos alunos nas turmas, há a oportunidade de uma melhor integração entre a adolescente e seus colegas, além disso, busca-se saber também se estando em um ambiente que se subentende circular um maior número de informações, há menos preconceito entre os indivíduos, ao ser ter como hipótese que a discriminação aconteça por falta de informações.

A educanda em questão tem 13 (treze) anos, e é portadora de Síndrome de Down. Frequenta o turno vespertino da instituição no 5º (quinto) ano ou 4ª (quarta) série do ensino fundamental. Ela está silábico-alfabética (hipótese de escrita, conforme estudos de Emília Ferreiro) e tem uma boa coordenação motora, como também uma boa percepção. Reconhece os números até 10 (dez), identifica algumas cores, geralmente as cores quentes, e troca as cores frias. Segundo o professor, a adolescente aprendeu a pintar há pouco tempo, e respeita os limites e espaços (nas atividades).

## 5.1 - Procedimentos de análise

Após serem recolhidos os questionários, houve uma sistematização tanto das anotações cotidianas, quanto dos questionários e entrevistas, como procedimentos de análise. Tal sistematização foi dada para equiparar relatos falados e escritos com ações cotidianas, através de estudos exploratórios entre os sujeitos envolvidos (o professor regente da turma, a mãe da adolescente incluída e os colegas da turma) com a opinião e a percepção da própria adolescente, de modo a verificar se acontece a inclusão de forma efetiva e que oportunidades lhes são oferecidas; para que desse modo, sobressaiam às relações sociais na instituição, observando se há, e em quais momentos ocorrem, os conflitos durante o processo de aprendizagem. Além disso, foi elaborada uma tabulação da porcentagem de colegas da turma que interagem com a adolescente de forma satisfatória.

Serão consideradas para análise desta pesquisa todas as perguntas, na ordem nas quais se deu a entrevista, porém, para facilitar comparação entre sujeitos, será transcrito somente alguns fragmentos. Juntamente com fragmentos das entrevistas, será transcrito também anotações do diário de campo, relacionadas às estas. E para fundamentar as crenças que sustentam as atividades dos educadores.

## 5.2 – Análise da pesquisa.

As anotações em um diário de campo, juntamente com questionários para entrevista, foram bastante pertinentes, por permitir um maior envolvimento com o estudo de caso e conhecer de fato o cotidiano das atividades pedagógicas.

Primeiramente realizou-se uma entrevista com a adolescente em questão, em um momento no qual realizava uma atividade de arrumação de uma casa em uma folha, com colagens, que a educanda respondeu com tranquilidade, no tempo dela. Ela se concentrava na atividade e interagiu com o investigador ao mesmo tempo. As questões iniciais foram sobre si e sua família, a adolescente respondeu sem maiores problemas. Diz que gosta muito da escola e que o que mais gosta de fazer na

instituição é dançar. Porém, sempre relata a saudade de um amigo que teve em Porto Alegre, no entanto, ela “conversa continuamente” com ele (de forma imaginária), dizendo ser seu namorado. Comenta constantemente algo como se realmente estivesse ao lado de seu coleguinha.

Quando a aluna permitiu ser entrevistada, ela fazia a atividade (conforme já relatado), porém, em uma sala separada da turma, ficando somente com a assistente da classe. É relevante considerar que suas tarefas eram sempre realizadas sozinhas nesta sala. Quando está junto com a turma senta na ultima carteira da sala, sozinha. A interação com outros colegas era quase nula. A comunicação só acontecia com a assistente, tudo que a adolescente fazia era muito dependente da assistente da turma, que na verdade só ficava por conta dela.

Logo no início da pesquisa, em conversas informais, o professor regente afirmou que não sabia trabalhar com pessoas com deficiência, mas que estava aberto a novos aprendizados, e se dispunha ao trabalho, porém observou-se, que o mesmo não havia procurado formas de trabalhar a aluna, não havia aplicação de metodologia diferenciada e ele não sentava com a aluna para a realização das tarefas. Geralmente fazia a orientação inicial com a adolescente, e depois somente a assistente permanecia lhe orientando até findar a tarefa.

A aluna, sujeito da pesquisa acostumou-se tanto com a permanência da assistente para toda e qualquer atividade, que vai a busca dela, por seja qual for à separação. Não toma iniciativa para realizar qualquer tarefa ou relações em outros ambientes.

Durante os intervalos para descanso, ela senta todos os dias no mesmo lugar, fica sozinha, nenhum colega a procura para qualquer atividade. Devido costume cotidiano, a própria aluna em questão procurava se isolar, nos diversos ambientes. Durante as aulas de Educação Física, ela também não participa, faz todos os exercícios com a auxiliar, os colegas não gosta que ela participe, nem mesmo a bola lhe é repassada. Em relação à professora de Educação física, esta também não incentiva a interação. É possível perceber, quanto à falta de estímulos para participar das atividades com os demais alunos.

O instrumento utilizado com o professor foi o questionário, onde ele respondeu e entregou posteriormente. O regente da turma tem no nível médio o (magistério), e graduou-se em Ciências Contábeis (Bacharel). Em resposta a uma das questões, ele diz não possuir curso algum na área de educação inclusiva, e que é a primeira vez que trabalha com pessoas com deficiência. Ao iniciar o ano letivo, recebeu algumas informações com a direção e a coordenação da escola. O professor parece conhecer a legislação que garante os direitos dessas pessoas, e diz na questão 6 (seis) que “toda escola segundo a LDB deve se adequar à essa questão, garantindo o êxito escolar”, e segundo ele toda escola tem que estar preparada, inclusive afirma que, possui tal preparação por possui uma diretora especialista, em outra circunstância verificou-se que a diretora da instituição possui psicopedagogia e psicanálise.

No que concerne ao trabalho pedagógico em sala de aula, perguntou-se que recursos estão disponível na escola para suporte do trabalho do educador (questão 8 (Oito), o professor afirma que recebe algumas “orientações do coordenador quanto as atividades a serem aplicadas”. Ao ser questionado quanto a recepção de uma aluna com deficiência, “Foi um choque, pensei que não fosse capaz.”. Porém, não discriminou a adolescente em nenhum momento, segundo relatos da própria família e da turma, em conversas informais.

O professor da adolescente se mostrou sempre preocupado com a situação da menina, porém, percebe-se que pouco buscou fora do contexto direção/coordenação, pois nas questões 13 (treze), quanto à objetividade do trabalho com educação inclusiva, a 14 (quatorze) Quais pressupostos e os paradigmas da educação especial? E a 18 (dezoito), no qual questiona seu conhecimento sobre a deficiência intelectual, ele admite não saber sobre a temática, e pouco ter procurado desde o início do ano letivo, até o período da investigação (maio, junho, julho e agosto do ano anterior).

Na questão 15 (quinze), lhe foi perguntado quanto ao papel da família no processo de inclusão, sobre a qual respondeu: “exercer uma educação compartilhada”, sobre esta, nada foi percebido. Bem como, ao ser questionado quanto aos serviços de apoio à família, oferecido pela escola, novamente respondeu positivamente, porém,

nos estudos diários, não foi observado nenhum serviço de apoio à família, ou à criança; o que a instituição disponibilizava, era a escuta e o conselho “terapêutico”, por parte da direção (psicopedagoga e psicanalista) e da coordenação (licenciatura em letras).

Ao fim do questionário, o professor regente da turma, deixou um bilhete: “respondi na mais humildade forma, por desconhecer a sustentação teórica, por não ler nada até porque nunca pensei em trabalhar com alunos portadores de deficiência.” (transcrito conforme original).

Durante a pesquisa, ocorreram várias conversas informais com a mãe da síndrome de down, que é muito presente na escola. Em agosto, foi possível realizar uma entrevista com ela, na qual foram preparadas algumas perguntas, e outras surgiram no decorrer.

A mãe tem um vasto conhecimento sobre a Síndrome de Down, diz ter buscado desde o momento que a sua filha nasceu, quando ela estava com 34 (trinta e quatro) anos, pois sempre acreditou que era autismo. Segundo ela, não passou pelo período de luto, aceitou logo; “a médica ginecologista deu a notícia junto com o pai da criança”,,, onde suas palavras marcaram bastante sua vida: “a mãe teria uma companheira para o resto da vida”. E assim foi feito, a mãe diz nunca ter escondido a filha, sempre viajou e a levou a todos os lugares, ela teve uma infância tranqüila, “sua infância foi de uma criança normal, viajava.” (resposta da questão 6 (seis)).

Foi-lhe perguntado, na questão 7 (sete), quanto ao início de seu processo escolar, a fim de saber se houve alguma memória na introdução da criança na escola. A família é do Rio Grande do Sul, e foi em Porto Alegre que a adolescente iniciou seu percurso escolar, com 1 (um) ano e 5 (cinco) meses. Nesta escola, próxima à sua casa, já havia um trabalho de inclusão, e em “frente à escolinha tinha um centro de atendimento clínico”, onde fazia atendimento psicopedagógico, fonoaudiólogo e psicólogo. Permaneceu até os 9 (nove) anos nesta instituição.

Com 10 (dez) anos iniciou na escola na qual se dá a pesquisa, na alfabetização. Atualmente a adolescente se encontra no 4º (quarto) ano (3ª (terceira) série) do ensino fundamental.

Perguntou-se “Qual a escola é ideal para a Síndrome de Down?”, a mãe afirma que na cidade em que está a escola na qual sua filha estuda atualmente, é a escola ideal, “porque tivemos um acolhimento muito bom, (...). A ideal deveria ser a que tem uma equipe multidisciplinar.” E ainda completa que “nunca teve muita preocupação com os conteúdos, mas procura uma escola que tem uma visão mais humanitária da vida” (transcrito conforme original).

Na questão seguinte, ela confirmou o que o professor da turma havia dito, o apoio é dado pela direção, coordenação e diz ainda que pelo professor. Quanto a sua opinião em relação ao papel da família no processo de inclusão (questão 11 (onze)), diz que não é diferente das outras famílias, inclusive, diz que “o tratamento das irmãs são iguais”.

Foi lhe perguntado também sobre a influência do professor neste processo, e qual o papel da escola, ela disse informalmente que agradece a eles pelos avanços de sua filha; durante a entrevista afirma: “todo ganho escolar eu devo aos professores, e a professora particular em casa”. E sobre a escola, diz que é “a escola é que dá respaldo para o professor, se a escola não orientar, ele vai ficar sozinho...”. Ela conhece as limitações da escola quanto ao trabalho com sua filha, bem como os limites dela, e pondera na prática metodológica do professor, quanto à atenção que precisa dar aos outros alunos. Porém, ao ser questionado, na 15ª (décima quinta) questão, quanto ao apoio que sua filha recebe, diz que somente da professora particular, em casa.

A mãe acredita que o relacionamento de sua filha com os colegas de classe é bom, porém, verificou-se o inverso nas observações cotidianas, conforme relatado acima, prefere se isolar em muitas atividades, principalmente quando exige contato físico com os colegas, e não há contrapartida nem dos colegas, nem dos professores nas diversas situações.

“O que você tem feito para possibilitar que sua filha tenha uma vida mais independente?” (pergunta 17 (dezessete)), essa questão surgiu devido à percepção quanto ao tratamento com a educanda estudada e a irmã mais nova, ou seja, são tomadas as mesmas atitudes, a mãe diz que sempre deu autonomia para a adolescente, para ser independente nas mais diversas situações, inclusive conta com a ajuda da família.

Em relação ao futuro de sua filha, sobre si mesma diz: “espero que eu consiga prepara-la para ter mais autonomia para viver no futuro. Tem momento que eu não sei qual caminho seguir, peço a Deus para que eu tenha sabedoria a qual caminho seguir” (transcrito conforme original). Sobre o papel da escola, “espero que a escola me ajude a encontrar os caminhos. (...) Ajude a formar..... para o básico da vida.” A mãe diz não saber quais habilidades profissionais sua filha irá desenvolver, e acredita que a escola pode ajudar neste processo, descobrindo suas reais potencialidades. Quando a adolescente está agitada, o professor lhe dá responsabilidades, e ela atende a todas.

Outra questão enfatizada pela entrevistada é a não preocupação com o tempo de aprendizado de sua filha. Ela acredita que irá se alfabetizar, porém, não leva em consideração o tempo de aprendizagem dos conteúdos, “eu sei que a escola vai atender no seu tempo, de acordo com sua idade, e só o tempo pode dizer como será o futuro...”. Quanto o que espera do professor, ela diz que acredita que “o professor vai acompanhar e propiciar o seu desenvolvimento”.

Por fim, foi lhe perguntado sobre o que esperar das políticas públicas, ela conhece as leis que sua filha tem direito, porém, não quer que nada aconteça por causa da obrigatoriedade, mas pelo bom senso das pessoas e instituições; acredita ainda que devesse ser mudado o currículo, trabalhando com atividades mais laborativas, ou seja, “um currículo adaptado para os alunos que tem mais dificuldades”.

A mãe da adolescente tem consciência que sua filha está em nível de aprendizagem diferente dos outros colegas da turma, e diz que o professor tem se esforçado para trabalhar com a turma e sua filha.

### 5.2.1 – Questionário significativo

Após a observação dos colegas de classe da adolescente investigada, fez-se necessário introduzir o questionário mediante uma consigna, para isso utilizou-se o filme Procurando Nemo (um desenho animado americano), onde quem ajuda um peixe-palhaço a procurar seu único filho, pelo oceano, é um peixe que possui algumas dificuldades.

O questionário composto de 7(sete) perguntas, foi conhecido pelos alunos antes do filme. Com questões relacionadas à família, aos amigos e a adolescente observada. A adolescente assistiu ao filme com muitas gargalhadas.

Na questão 3 (três), perguntou-se se conheciam alguma pessoa especial, e como ela era. Citaram a colega Síndrome de Down (menos um deles, que talvez não entendesse a pergunta), e afirmaram ser divertida e seu gosto pelas brincadeiras. No dia a dia, foi possível perceber que os colegas não interagem, por que acreditava não saber como se daria isto com uma pessoa diferente. Parecia não conhecer quase nada sobre esta deficiência.

Na seguinte, pediu-se para expressar a opinião sobre o tratamento dessas pessoas. Novamente, fica claro a pouca informação sobre o tema, citaram muito a necessidade do respeito: “de modo com respeito”, escreveu um deles, alguns acreditam que deve ser tratado de forma diferente dos outros: “especialmente”, conforme uma adolescente. Somente duas colegas citaram a importância do carinho e do amor: “com carinho, com amor, com respeito”, uma delas, e outra ainda acrescentou: “... e muita sinceridade” (transcrito conforme original).

Ao serem questionado sobre “como é estudar com uma colega especial?”, a maioria disse que é legal, mas não souberam fundamentar, em indagações informais, não sabiam o que responder, por que, conforme já relatado, não havia interação. Somente um aluno afirmou que “conviver com ela é importante para nossa vida”, e outra preferiu não responder.

A 7ª (sétima) e última questão pediu a opinião sobre o que fazer para oportunizar a participação nas atividades da colega com Síndrome de Down, com os demais alunos, e conseqüentemente contribuir com sua aprendizagem. A grande maioria

relatou sobre a importância de ajudá-la e de brincar junto com ela. Segundo uma delas, é preciso “chama-la para participar de todas as atividades.”, enquanto outra adolescente, acrescentou a necessidade de agir com calma e “comportamento”.

Após o filme, e antes do tempo em sala de aula, oferecido pelo professor regente para responder os questionários, houve um lanche coletivo, onde todos tiveram a oportunidade de compartilhar o que trouxeram para se alimentar.

Ao final da pesquisa, verificou-se a necessidade de um estudo mais amplo, de modo a investigar mais profundamente o cotidiano da instituição, e suas relações interpessoais.

## 6 – DISCUSSÕES DOS RESULTADOS

O professor precisa ser um pesquisador na ação e refletir sua prática cotidiana. Fazendo isso, ele perceberá quais caminhos foram trilhados, o que precisa ser reestruturado, e quais possibilidades tem a diante.

Refletir e buscar soluções deve ser um exercício diário, onde os profissionais envolvidos em uma busca de uma educação de qualidade devem percorrer todos os caminhos possíveis para que haja inclusão.

Na instituição na qual se deu a pesquisa investigativa, foi possível perceber alguns avanços quanto à inserção de uma adolescente com síndrome de down em sala de aula regular, e algumas outras inclusões, porém, verificou-se também que há um longo caminho a percorrer por todos os personagens deste processo.

A primeira questão a ser enfatizada, é a necessidade de uma pesquisa mais abrangente deste processo, de modo que se tem um efetivo olhar investigativo sobre o ensinar e o aprender. Porém, algo que possibilitou um diálogo mais profundo com o contexto da pesquisa, foi o diário de campo, instrumento sugerido por Maciel e Raposo, pois nele foi possível “anotar todas as questões relevantes sobre a aplicação dos instrumentos para depois terminar os registros” (2010, p.35).

Ao iniciar a entrevista com a adolescente Síndrome de Down, incluída em uma sala de aula, verificou-se na prática, a afirmação de Madeira-Coelho, quanto ao desenvolvimento das interações sociais possibilitar uma maior abertura para o conhecer, pois referindo-se a Vygotsky, a autora afirma, “que a expressão e compreensão são possíveis quando o sujeito é capaz de generalizar, relacionando sua experiência com a de seu interlocutor” (2010, p.12). A entrevista transcorreu sem problemas, e a investigada se abriu a esta relação, onde possibilitou avaliar, o que Vygotsky diz se “a verdadeira conexão que existe entre o desenvolvimento cognitivo e social de uma criança” (idem, ibidem).

Talvez sua entrevista ter acontecido juntamente com a resolução de um desafio por ela (a atividade de arrumação de uma casa através de papel e cola), possibilitou tal

interação, pois o funcionamento da mente do ser humano, segundo Vygotsky, citado por Padilha, “é social, histórico e simbólico” (2001, p. 10). Foi possível perceber que o simbolismo de encontrar seu ambiente familiar naquela atividade, deixou-a mais a vontade em tal investigação.

Assim, optou-se inicialmente por fazer conexões com sua família, por ser ambiente conhecido pela adolescente, e seguro sobre si. A aluna responde no tempo dela, expondo alguns comentários sobre o raciocínio que utilizava para realizar a atividade. Cabe citar a afirmação de Padilha, no que concerne a relação entre condições concretas e desenvolvimento, pois “somos seres multideterminados, dependendo das condições concretas de vida social para nos desenvolvermos e a educação é uma destas condições.” (2001, p. 39). Foi oportunizado à adolescente em questão (foi possível perceber na observação de seu cotidiano, principalmente na sua relação com sua família.) um amadurecimento em sua vida social tranqüilo, e isso, acredita sua mãe e o professor regente, facilitou o seu processo de inclusão.

E assim, foram introduzidas questões escolares, porém, a maioria não foi respondida, e optou-se por deixar algumas sem descrever na pesquisa. A aluna diz que gosta muito da escola, não gosta de faltar à aula, e se prepara sem maiores transtornos para vir à aula. Em conversas informais, a mãe diz trabalhar a autonomia de escolher ir ou não à escola.

Nos procedimentos metodológicos cotidianos, em relação a esta adolescente, viu-se que grande parte das atividades desenvolvidas por ela, se dava em uma sala de aula separada dos demais colegas da classe; por pensar está facilitando o trabalho para ela, bem como para a turma. Em anotações informais, percebeu-se que este procedimento não era para discriminar, ou castigar, tão pouco para facilitar o trabalho do professor, o que se pretendia, era que a aluna tivesse uma intervenção específica direta, de modo a acelerar o seu aprendizado. No entanto, essa intervenção se dava somente pela assistente da turma, uma adolescente, estudante de ensino médio.

Mantoan descreve a inserção deste professor de apoio como prejudicial ao processo de inclusão, ou pelo menos a forma com que é efetiva nesta instituição, pois para

ela, “é uma solução que exclui, segrega e desqualifica o professor regente da turma e que o acomoda, não provocando mudanças na sua maneira de atuar” (2004, p.89).

Nos momentos de sala de aula, ela sentava na última carteira e ficava sem interação, novamente só a mantinham com a assistente. Em um contexto inclusivo, é necessário trabalhar com sequência didática intencional, o professor precisa atuar na zona de desenvolvimento proximal do aluno, que segundo Vygotsky, é o local que permite o professor conhecer quais habilidades e dificuldades do sujeito. (1987)

É preciso ressaltar, que há necessidade do professor regente discutir sua prática com a adolescente Síndrome de Down com outros interlocutores, e autores que discorrem sobre esta temática. O que foi possível perceber, que há uma espera na direção e coordenação da instituição em questão.

Sobre esta afirmação, Maciel e Raposo, dizem ao investigador e até mesmo o professor da sala de aula, a importância do professor ir além da informação teórica, de ter “a capacidade de elaborar questionamentos e buscar solução para intervir concretamente” (2010, p.22). Observando assim, a reflexão-ação de sua prática, por meio de um “diálogo coerente entre prática-teoria-prática” (idem, ibidem).

Conforme descrito, o professor confessou não saber trabalhar com pessoas com deficiências, e em momento algum dificultou o desenvolvimento da pesquisa. Respondeu tanto questionamentos formais (através do questionário), quanto em conversas informais cotidianamente, até mesmo fora de horário de aula. Segundo Mantoan, “trata-se de preocupações que são reais e que devem ser consideradas, (...) se agigantam pela insegurança, pelo medo de enfrentar o novo.”. (2004, p.82).

Frente ao novo paradigma da educação inclusiva no país, é possível definir a escola como:

...uma instituição social que tem por obrigação atender todas as crianças, sem exceção. A escola deve ser aberta, pluralista, democrática e de qualidade. Portanto, deve manter as suas portas abertas às pessoas com necessidades educativas especiais. (GOFFREDO, 1999, p. 31)

Sobre isso, a escola e o professor estão cientes, conhecem a legislação, referindo a ela em diversos momentos, bem como em resposta a pergunta 6 (conforme citado anteriormente). Inclusive ele cita, mostrando-se contente com esta verdade, que a direção da escola procurou especializar-se (psicopedagogia e psicanálise). Goffredo nos reporta ainda a importante necessidade de todo profissional de educação ter “maior sensibilidade e pensamento crítico a respeito de sua prática pedagógica”, e acrescenta “tem de estar sempre preparado para adaptar-se às novas situações que surgirão no interior da sala de aula.” (1999, p. 68). No entanto, somente a direção se preparou para tal.

É relevante citar novamente sua resposta à oitava questão, no que concernem as “orientações do coordenador quanto às atividades a serem aplicadas”, Madeira-Coelho aborda a frequência angustiada dos professores por se sentirem sozinhos e “frustrados por não saber onde procurar ajuda para solucionar problemas que o processo de inclusão estabelece para a dinâmica educacional” (2010, p. 20). Pois em variados momentos, ele demonstrou preocupação com o nível de aprendizagem da adolescente, porém, admitiu pouco ter buscado recursos e estratégias. No entanto, Bortoli e et al, traz a extrema importância da cooperação do professor e cita Holden e Stewart, quando diz que:

É ele quem vai detectar no dia-a-dia quais ajustes podem e devem ser feitos no ambiente, é quem vai colaborar na interação da criança com outros colegas, bem como criar situações satisfatórias para a criança desenvolver uma boa convivência social. (In: Revista Brasileira de Educação Especial, set/dez. 2008)

Sobre o professor ainda, ele admite com humildade sua falta de conhecimento, sua falta de leituras sobre a temática. Para Chalita, a humildade é uma virtude, e “às vezes é a única chance para abrir a porta de um futuro melhor, mais condizente com os sonhos acalentados no presente” (2003, p. 137). Mas no atual paradigma da educação brasileira, onde o professor deve ser mediador segundo Ferreiro (1986), é imprescindível para o professor regente da turma, além da humildade, é se abrir ao outro e, independente de sua formação, criar um ambiente que possibilite a aprendizagem.

Além disso, com inúmeras discussões a cerca de novas teorias sobre a forma de aprendizado, entre elas a Teoria das Inteligências Múltiplas de Howard Gardner, o professor precisa estar atento a novas práticas pedagógicas, pois para Gardner, é necessário utilizar de vários domínios (de conteúdos), enfocando o potencial da criatividade (2000). Ramos diz ainda que para o teórico (Gardner), é possível caracterizar a inteligência como uma entidade multifacetada e em estado de mudança permanente (2002, p. 27). Então o professor precisa está em estudo permanente, para acompanhar o desenvolvimento das pesquisas acerca do objeto de estudo no qual ele lida o conhecimento.

È sabido, que as relações estabelecidas no núcleo familiar são determinantes para a construção do caráter; se houve afetos negativos, há consequências permanentes. Porém, o que se verificou das relações estabelecidas no núcleo familiar da adolescente, foi uma intensa procura por disponibilizar o crescimento natural da filha que nasceu com uma deficiência. O que possibilitou um desenvolvimento, na medida de suas limitações, principalmente no início de seu processo escolar, conforme pode ser lido na entrevista com a mãe da adolescente.

O professor Gabriel Chalita nos fala da instituição familiar, como parte essencial de uma educação de qualidade, para ele, “qualquer projeto educacional sério depende da participação familiar” (2004, p.17), e esta família parece conhecer bem esta idéia. Apesar de apoiar a filha todo instante, preocupa-se em deixar que cresça independente de todos: “espero que eu consiga prepará-la para ter mais autonomia para viver no futuro”, imbuída das mesmas regras da outra filha do casal.

Foi possível perceber que a família, o professor e a escola perseguem um mesmo objetivo, a inclusão de todos os alunos em uma educação completa e de qualidade, onde seja possível um diálogo crítico com todos os atores escolares envolvidos. Por que dessa forma, esse conjunto conseguira atingir a educação que o mundo de hoje busca, independente se a pessoa tenha deficiência ou não, que é citado por Ramos: “Visão ampla da educação. Formação do Ser Humano Completo: corpo, mente e coração. Desenvolvimento do cérebro inteiro e as inteligências.” (2002, p. 11). Mas para que isso aconteça, este objetivo precisa ser buscado em conjunto, e ser

esgotadas todas as leituras e possibilidades de integração efetiva de todos os alunos.

Após as análises dos resultados, pretende-se entregar um relatório descritivo ao regente da turma, com algumas sugestões de intervenções, com o intuito de possibilitar um desenvolvimento cada vez mais significativo do aprendizado da criança com deficiência intelectual e outras deficiências, para assim contribuir para a inclusão de pessoas com deficiência nas salas de aulas do município e do país.

## 7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Os sonhos, os exemplos, as sensações captadas nas histórias alheias são para nós, uma espécie de alimento.” (CHALITA, 2003, p.30).

Esta afirmação do professor Gabriel Chalita retrata a dinâmica de integração que existiu entre investigador e contexto pesquisado. O dia a dia das interações escolares é um rico laboratório para quem procura sucessos em seu crescimento profissional.

A escola é um local, dentre outros espaços, onde se adquire, se transmite e se reproduz conhecimentos, no entanto, de modo sistematizado; onde se socializa experiências. Além disso, na escola acontece um encontro e um confronto de saberes produzidos pela humanidade. É um local onde se dá o encontro e o desencontro, pois ela lida com a diversidade cultural.

É importante o professor refletir permanentemente suas ações pedagógicas e pesquisar sua própria prática, de modo a questionar paradigmas e transformar o seu fazer pedagógico. Sobre isso, é relevante enfatizar, que para melhor aplicar os fundamentos da aprendizagem em sala de aula, é necessário reconhecer a escola como espaço de formação e de preservação da vida.

O professor Freire deixou-nos um legado de que ensinar e aprender não pode dar-se fora da pesquisa e da alegria. Esta alegria deve fazer parte do processo de aprendizagem, onde haja uma prática pedagógica reflexiva, transcendendo os conteúdos cotidianos simplesmente por fazerem parte de um currículo a ser “vencido”. O que deve ser observado pela escola, é a busca do que Alicia Fernandez acredita ser necessária para o processo de aprendizagem: encontrar não só o resultado das dificuldades, mas organizar metodologias para facilitar o crescimento do sujeito (1991). Nesse sentido, a busca dessas melhorias deve ser angustiante para o professor, por que o professor deve ter mais dúvidas do que certezas (Chalita, 2003).

Cabe aqui ressaltar que é imprescindível pensar em uma educação que substitua a fragmentação indivíduo-mundo-escola (Maciel e Raposo, 2010, p.12), e que objetive somente o vestibular. Para isso, é necessário que estejam envolvidos, todos os personagens do contexto desta instituição de ensino e de todas as outras: a direção, a coordenação, os professores, não só da turma estudada, mais de toda rede, bem como os alunos da classe e das outras turmas, e as famílias, podendo assim, acontecer uma inclusão efetiva e modificadora da vida de todos os indivíduos.

A efetivação de uma escola com educação inclusiva tem suscitado inúmeras discussões, principalmente quando os sujeitos a serem incluídos são pessoas com deficiência.

A lei maior do país, a Constituição Federal Brasileira, traz todos os direitos educacionais garantidos a todas as crianças, adolescentes, e adultos, inclusive àqueles que possuem algum tipo de deficiência. Toda legislação aborda esta temática após a lei de 9394/96, todos os documentos legais trazem a não discriminação como princípio. Principalmente ao ter definido pelo censo de 2000, 14,5% da população brasileira como portador de algum tipo de deficiência, síndrome ou transtorno psicológico. Entretanto, nas realidades das instituições de ensino, as leis estão longe de serem respeitadas.

A escola como reprodutora da sociedade traz a exclusão de indivíduos que não responde com rapidez e agilidade a produtividade capitalista. “A formação econômico-social brasileira exige e cultua a produtividade, a eficiência e a competição.” (MEC, 1999, p.31).

Dessa maneira, o que se vivencia na realidade educacional do país, é a recusa da matrícula dessas pessoas nas escolas regulares, e em outros setores da sociedade. Em algumas poucas escolas, é possível comprovar, que as crianças estão em sala de aula, incluídas pela força da lei na maioria dos casos, porém, não há uma preparação anterior, e nem uma busca permanente posteriormente.

A pesquisa aqui relatada fez-se necessária a partir de diálogos com parceiros, sobre a vida de crianças e adolescentes na nossa sociedade. Procurou-se saber quanto à

inclusão de crianças com deficiência em sala de aula regular. Era necessário verificar de que forma acontecia esta inclusão, se realmente havia um trabalho pedagógico desafiante e condizente com o nível de conhecimento da adolescente em questão; além de buscar entender como se dá a interação entre deficiente, colegas e professor. Onde buscou, a partir de um estudo de uma experiência prática, em uma escola da rede privada na cidade de Nova Viçosa, verificar como se dá a prática pedagógica de uma sala de aula que possui uma adolescente síndrome de down.

O estudo foi realizado através da pesquisa qualitativa, por permitir diálogo formal e informal entre investigado e pesquisador, estabelecendo uma relação crítica entre eles, possibilitando uma busca de resultados verdadeiros e transformadores. Para se chegar a tais resultados optou-se por utilizar questionário, entrevista e anotações em um diário de campo, o qual permitiu comparações entre o dialogado e o praticado.

Inicialmente notaram-se visivelmente as expectativas de ambas as partes, (pesquisador e atores sociais). E um diálogo permanente entre os lados foi decisivo na abertura para o conhecimento, e para se obter as informações necessárias acerca das interações em sala de aula e do desenvolvimento do processo de ensino e aprendizado dos educandos com deficiência.

A primeira questão que ficou clara mediante as questões estudadas, foi que todo profissional da educação precisa desenvolver posturas e atitudes de experimentar e de aceitar o novo como espaço de aprendizagem, de acolher e reconhecer as diferenças como parte da convivência social. É imprescindível para o educador pensar na ação.

Outro resultado que foi permitido discernir é a extrema necessidade de trabalhar em nossas salas de aulas os valores essenciais para uma vida de caráter em sociedade. Onde haja mediação, no que tange a integração de variadas culturas, e a utilização de uma diversidade de habilidades. Para tal, o educador deve manter um constante olhar investigativo e questionador mediante os resultados obtidos na construção de conhecimentos no cotidiano da sala de aula.

O que se pode notar no contexto estudado, e que encontramos de mais comum nas escolas brasileiras, é a espera por outro que o ajude com um desafio proposto a si. O professor regente em questão admite que pudesse ter feito algo a mais na busca de novos caminhos para trabalhar com a adolescente deficiente que recebeu. Diz ter tido “um choque”, quando teve o primeiro contato, teve medo do que o esperava, porém, preferiu utilizar somente aquilo que lhe era passado pela direção e coordenação da escola.

Conforme visto anteriormente, a adolescente é conhecedora de uma gama de conceitos, tem noções em todas as áreas do conhecimento, e sempre está aberta a aprender novos desafios, o que ela necessita, aliás, todos os alunos, deficientes ou não, é de estímulos. Aprender aquilo que tem significado em nossa vida, é muito mais prazeroso, nesse sentido o professor nada mais precisa, do que saber direcionar o fazer pedagógico, com desafios educativos cotidianos, para que a cada dia o aluno leve para casa resultados concretos de sua aprendizagem, seja cognitiva, seja relacional.

Portanto, cabe à escola criar espaços para reflexão e pesquisa, de modo a construir uma nova realidade para as pessoas com deficiência, onde eles possam construir conhecimentos e contribuir para a melhoria do meio em que vive sendo sujeitos de sua própria história. Além de ser fundamental perceber-se como parte do coletivo.

Na escola analisada, foi possível perceber que há uma consciência crítica, até mesmo o professor, de sua responsabilidade pela aprendizagem de todos os alunos, sejam eles deficientes ou não. Além desta adolescente, há alguns outros indivíduos incluídos. Porém, apesar de todas as práticas da escola pela inclusão, ainda não há uma prática pedagógica condizente com uma educação de qualidade para todos.

No que concerne à falta de integração entre a adolescente e seus colegas de turma, acredita-se que havia uma falta de estímulo por parte do professor, e da família, talvez por pouco ou nenhuma informação sobre as deficiências, e o modo natural de lidar com elas cotidianamente. O simples fato de introduzir uma pessoa com deficiência em qualquer meio social, não diz que seu desenvolvimento acontecerá

de forma satisfatória, o ser humano como ser relacional e cultural necessita, seja em qualquer aspecto de sua vida do outro para se desenvolver.

“Em cada sala de aula os alunos representam uma fonte rica de experiências, de inspiração, de desafio e de apoio que, se for utilizada, pode contribuir com uma imensa energia adicional às tarefas e atividades em curso. No entanto, tudo isto depende da capacidade do professor de aproveitar essa energia. Os alunos têm a capacidade para contribuir para a própria aprendizagem. A aprendizagem é, em grande medida, um processo social.” (CARVALHO, 1999, p. 62).

O papel da família vem se firmando como fundamental no desenvolvimento do aluno. E o deficiente, é parceria vital no processo de inserção dele nos diversos ambientes sociais.

A família da adolescente conhece a importância desta parceria. Como foi possível verificar na entrevista com a mãe, a busca pela inclusão da filha é constante, porém sem invadir a espaço da sua autonomia. É uma pesquisadora da temática, e conhece os direitos e deveres do deficiente intelectual.

Possuir uma família participativa é de fundamental importância no desenvolvimento do deficiente, na construção de sua cidadania, pois ela pode permitir uma continuidade do trabalho da instituição, e vice-versa. Os procedimentos conceituais, atitudinais e procedimentais devem cada vez mais fazer parte do dia a dia da família e da escola.

Em conversas informais e em observações do comportamento da adolescente nos diversos espaços escolares, foi possível perceber, que ela recebeu um bom referencial dos valores basilares de uma sociedade, pois é sabido que estes referenciais devem nascer na convivência familiar. O exemplo desta família poderia questionar outros comportamentos, tanto de pais de alunos que não possuem limitações, como principalmente, os pais de alunos deficientes. Esta parece sempre buscar um ponto de encontro de comunicação entre família e instituição de ensino, tornando assim muito mais fácil e gratificante a inclusão.

A inclusão de um deficiente intelectual em uma escola regular, também é responsabilidade das famílias dessas pessoas, pois cabe a elas, o desenvolvimento de sua autoestima, da relação com o outro, e da formação do caráter. Uma criança que não é estimulada, ou até mesmo é mantida “escondida” da sociedade, não se permitirá envolver-se com outras pessoas. Chalita diz ser insubstituível o exemplo que os pais devem dar aos filhos, pois dessa maneira, “os filhos se espelham nos pais e os pais desenvolvem a cumplicidade com os filhos” (2004, p. 20).

Nessa perspectiva, é interessante afirmar, que é preciso buscar em todos os sujeitos envolvidos (aluno, família, professor, colegas de turma, bem como em outros atores escolares) o significado da aprendizagem, através do desenvolvimento das diversas inteligências do ser, por meio de estratégias motivadoras, e de relações afetivas, para possibilitar que todo e qualquer indivíduo seja acolhido na escola, e permitido a construção de sua aprendizagem. Fazendo o que é defendido por Alicia Fernandez, escuta individual do sujeito, de modo a encontrar as causas de suas dificuldades, sejam elas em sua vida psíquica ou relacional.

Conforme supracitado, a escola na qual se deu a pesquisa, se permite buscar uma educação de qualidade a todos os educandos. É possível perceber que a aceitação da adolescente com síndrome de down, e outros alunos que a escola possui, se deu com naturalidade, e não por força da lei. A direção e coordenação buscam constantemente métodos de trabalho diferenciado, que contemple aqueles que possuam mais dificuldades, porém, sem apontá-los como especiais. O que falta para esta instituição é contagiar todos os profissionais de ensino com a Pedagogia da Inclusão, em todos os aspectos.

Com a pedagogia da inclusão, não se evidencia a deficiência, mas procura-se agir nas relações entre os sujeitos, criando símbolos e possibilidades de modificação do conhecimento do outro, respeitando seu tempo e suas modificações necessárias.

O professor, como profissional responsável pela aprendizagem de vários universos em sala de aula, deve-se ter como aquele que procura novas técnicas todo o tempo, para cada necessidade, independente do que seu aluno apresenta. Ele é o diretor da peça que será encenada no palco da vida, portanto, é ele quem deve instruir

cada ator, e perceber as habilidades de cada um. Gardner fala das inteligências que cada indivíduo possui, mas diz também que em sala de aula devem ser estimuladas todas elas.

Diante deste desafio, cabe ao professor regente, com base no desenvolvimento humano, principalmente na posição de Vygotsky, buscar “pontos fortes” e não os “déficits” das pessoas comprometidas com deficiência seja ela intelectual, ou outras deficiência ou síndromes. Tanto nesta instituição, como em toda instituição social, é imprescindível a mudança no olhar e nos paradigmas nos quais convivemos no mundo atual.

E assim é possível concluir com o que nos diz, Maria del Pilar González Fontao:

“Trata-se de ir conseguindo atingir pequenas metas em todos os âmbitos, desde a administração até o professorado, passando pelos formadores de professores e a própria sociedade. Para Progredir se necessita certo compromisso e cumplicidade, não se deixando vencer pelas dificuldades. Na realidade, a aceitação de idéias tem avançado muito mais que a consolidação de práticas congruentes com essas idéias. Esta é uma forma de convivência idiossincrática, singular, única para cada caso, para cada contexto educacional particular.”  
(2004, p.71)

Ao término desta pesquisa percebe-se a realidade da educação inclusiva como um desafio, e tem se tornado motivo de preocupação e inquietação para os educadores e familiares da pessoa com deficiência intelectual.

Recomenda-se que os educadores independentes da turma que lecionam, e da deficiência que lhe é apresentada, devem buscar conhecer mais sobre o aluno com deficiência intelectual, buscando alternativas que vão estimular o desenvolvimento da aprendizagem e não se fixar nas dificuldades do mesmo; na verdade, devem-se valorizar as potencialidades e habilidades. É sabido que é um enorme desafio, isso estimula uma prática pedagógica que propicia um leque de possibilidades.

Recomenda-se ainda, que as escolas, seja ela pública ou particular devem orientar, capacitar e sensibilizar os profissionais que vão trabalhar com os alunos que

possuem deficiência intelectual, para que assim a inclusão seja vivenciada no dia a dia escolar.

Que esta pesquisa possa servir de fonte para outros estudos, bem como que possa estimular nos educadores o desejo de aprofundar neste universo da educação especial. Muito se tem que aprofundar, analisar, pesquisar e vivenciar.

O deficiente intelectual precisa ser incluído também na família. Nesta pesquisa especificamente, observa-se o envolvimento da mãe, porém, devido a outras experiências, que foi permitida em outra oportunidade, faz-se necessário uma revisão sobre o convívio da adolescente, com sua irmã e demais membros da família.

## 8 – REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Entre a ciência e a sapiência**, o dilema da educação. Edições Loyola: São Paulo, 2002. 7ª edição.

ANTUNES, Celso. **Como transformar informações em conhecimento**. Fascículo 2. Editora Vozes: Petrópolis. 2001.

\_\_\_\_\_. **Como desenvolver as competências em sala de aula**. Fascículo 8. Editora Vozes: Petrópolis. 2004. 5ª edição.

BATISTA, Cristina Abranches Mota; MANTOAN, Maria Tereza Eglér. In: **Atendimento Educacional Especializado**, Deficiência mental. São Paulo: MEC/SEESP, 2007. p. 13 à 15.

BORTOLI, Paula Saudde; et al. **A inclusão da criança com síndrome de down na rede regular de ensino: desafios e possibilidades**. In: Revista Brasileira de Educação Especial. Vol. 14, nº. 03. set/dez. 2008.

BRASIL. **Lei nº. 9.394**. Diretrizes e Bases da Educação Nacional; promulgada em. 20/12/1996. São Paulo: Ed. do Brasil, [1996].

\_\_\_\_\_. MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Adaptações curriculares/Secretaria de educação fundamental/Secretaria de educação especial**. Brasília: MEC/SEF/SEESP, 1998.

CARVALHO, Rosita Edler. **Removendo Barreiras para a aprendizagem**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. São Paulo: Editora Gente, 2003.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do amor: a contribuição das histórias universais para a formação de valores das novas gerações**. São Paulo: Editora Gente, 2004. Edição revista e atualizada.

FERNÁNDEZ, Alicia. **A Inteligência Aprisionada**. Porto Alegre: Ed. Artmed. 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2003.

FONTAIO, Maria del Pilar González. Educação Especial na Espanha. In: **Caminhos Pedagógicos da Educação Especial**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004. p. 43 à 76.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua Escrita**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1986.

GARDNER, Howard. **Inteligência, um conceito reformulado**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

\_\_\_\_\_. **Inteligências múltiplas, a teoria na prática**. Porto Alegre: Arte médicas, 2000.

GOFFREDO, Vera Lúcia Flor Senéchal. **A escola como espaço inclusivo**. In: Salto para o futuro. Educação Especial: tendências atuais/ Secretaria de Educação à Distância. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 1999. p. 27 à 34.

MACIEL, Diva Albuquerque; RAPOSO, Mirian Barbosa Tavares. **Metodologia e construção do conhecimento: contribuições para o estudo da inclusão**. [S.l. : s. n. ] [2010?]

MADEIRA-COELHO, Cristina M. **Curso de especialização “Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar”**. [S.l. : s. n. ] [2010?]

MANTOAN, Maria Tereza Égler. **Caminhos pedagógicos da Educação Inclusiva**. In: Caminhos Pedagógicos da Educação Especial. Rio de Janeiro: Vozes, 2004. p. 79 à 94.

MAZZOTA, Marcos José Silveira. **Educação Especial no Brasil: História e políticas públicas**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 16 e 110.

MEC. Secretaria de Educação à Distância. Salto para o futuro. **Educação Especial: tendências atuais**. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 1999.

PADILHA, Anna Maria Lunardi. **Práticas pedagógicas na Educação Especial: a capacidade de significar o mundo e a inserção cultural do deficiente mental**. São Paulo: Autores Associados, 2001.

RAMOS, Cosete. **O despertar do gênio**. Aprendendo com o cérebro inteiro. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.

SALUSTIANO, Dorivaldo Alves; et al In: **Atendimento Educacional Especializado, Deficiência mental**. São Paulo: MEC/SEESP, 2007. p. 71 à 80.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.

## Sites consultados

**O que é deficiência intelectual?** Disponível em: <http://www.apaesp.org.br/>.  
Acessado em 23 de março de 2011.

**Declaração de Salamanca.** Disponível em: <http://www.cedipod.org.br/salamanca.htm>. Acessado em: 18. jul. 2003

## Apêndices

Entrevista com a mãe

Data:12/08/2010

Estabelecimento: Instituto Menino Deus

1. Qual o seu nome?

R: Rejane Aparecida Tamagno.

2. Qual o nome de sua filha?

R: Victória Tamagno Pereira.

3. Qual é a idade de sua filha?

R: 13 anos.

4. Qual é o diagnóstico de sua filha?

R: Síndrome de Down.

5. Quando ficou sabendo da deficiência de sua filha? Qual foi sua reação? E da família?

R: Quando Victória nasceu, ela ficou separada da mãe, o diagnóstico foi dado primeiro para o pai. Ela não desenvolveu muito durante a gestação, e ao nascer foi para a UTI devido ao problema de coração. A médica ginecologista deu a notícia para a mãe junto com o pai, a mãe não tinha conhecimento sobre esta síndrome, mas aceitou a filha e não teve período de luto. O pediatra foi estúpido com o pai e disse que a filha era bobada, que ia ficar mongoloide. Para a mãe as palavras de sua médica que marcaram, que sua filha seria sua companheira para o resto da vida. A mãe diz que sempre viajou com a filha, nunca escondeu.

6. Como foi a infância da filha?

R: Sua infância foi de uma criança normal, viajavam.

7. Como foi o percurso escolar de sua filha?

R: Com 1 ano e 5 meses ela passou a frequentar uma escolinha, que já fazia um trabalho de inclusão e tinha um centro de atendimento clínico, Rio Grande do Sul, a escola tinha uma equipe multidisciplinar, a diretora era psicopedagoga, e havia um grupo de pais. Aos dois anos Victória perdeu seu pai, e sentiu muito a falta dele e das atividades que faziam juntos. Dos 9 anos, para os 10 anos a mãe e família mudaram para Posto da Mata, Nova Viçosa – Bahia. Iniciou na alfa e atualmente está na 3ª série/4º ano do ensino fundamental. Victória tem falado muito sobre o pai.

8. Qual escola é ideal para a Síndrome de Down?

R: Na cidade, foi a atual porque tivemos um acolhimento muito bom, em nenhum momento ela foi excluída. A escola ideal é que tem uma equipe multidisciplinar. A mãe diz que nunca teve muita preocupação com os conteúdos, mas procura uma escola que tenha uma visão humanitária da vida.

9. Por que você escolheu a atual escola para sua filha?  
R: Escolheu a escola atual, devido ao acolhimento que teve.
10. Na escola existe serviço de apoio à família?  
R: Sim, o apoio da família, do coordenador, da diretora e do professor.
11. Qual é o papel da família no processo de inclusão?  
R: É normal, se a pessoa é normal, não vê a inclusão, ela já está feita, o tratamento das irmãs são iguais.
12. Qual é o papel e ou contribuição do professor neste processo de escolarização?  
R: Total, todo ganho escolar “eu devo aos professores”, e a professora particular, em casa não faz atividades escolar com a mãe.
13. Qual é o papel da escola neste processo de inclusão?  
R: A escola que dá respaldo para o professor, se a escola não orientar ele vai ficar sozinho, sabe-se que o trabalho com a filha é mais individualizado, e ainda tem outros alunos que ele precisa dar atenção.
14. Como é a relação de sua filha com os colegas de classe?  
R: É boa, eles tem três anos junto, encontram na rua.
15. Quais os serviços de apoio neste processo de inclusão?  
R: Atendimento com a professora particular.
16. Qual é a relação de sua filha com a família?  
R: Ela é carinhosa, apertada a sua mãe, a avó, com o avô ela é mais delicada. Obedece mais a mãe, ela tem um convívio social bom.
17. O que você tem feito para possibilitar que sua filha tenha uma vida mais independente?  
R: A mãe diz que sempre deu autonomia para a Victória, toma banho sozinha com a orientação da mãe devido ao tempo, veste sozinha, às vezes pede ajuda, e a avó ajuda com a comida.
18. O que você espera de sua filha para o futuro?  
R: Espero que eu consiga prepara-la para ter mais autonomia para viver no futuro, tem momento que não sei qual o caminho a seguir, peço a Deus para que eu tenha sabedoria a qual caminho seguir. As torias vão se adequar de acordo com a pessoa e ela diz que acabou mimando as duas filhas.
19. O que você espera da escola?  
R: “Espero que a escola me ajude a encontrar os caminhos” “Ajude na preparação de Victória para o básico da vida” A mãe diz que não sabe quais as habilidades e quais poderá desenvolver em relação a profissionalização. Necessita de ajuda nesse processo de escolarização e para descobrir suas reais potencialidades e habilidades. A mãe acredita que ela vai conseguir ser alfabetizada, mas no seu tempo, e só o tempo poderá dizer como será o futuro de Victória.
20. O que você espera dos professores?  
R: Os professores vão acompanhar e propiciar o seu desenvolvimento, ter uma ajudante vai ajudar o professor.

21.O que você espera das políticas educacionais?

R: “O governo baixou o decreto, é obrigatório incluir” Ninguém deve incluir pela lei, eles tem que criar uma rede interdisciplinar para trabalhar juntos, para trabalhar com todos os alunos e dar condições a todos. Deve ser revisto os conteúdos, nos EUA, eles trabalham como utilizar o dinheiro, com atividades práticas, por exemplo a Victória vai chegar a 8ª série sem saber fações. Um currículo adaptado para os alunos que tem amis dificuldades.

Outros relatos da mãe. A mãe tem os conhecimentos sobre a Síndrome de Down, pois a mesma procura ler muitas informações sobre o tema. Em relação a sexualidade Victória está descobrindo seu próprio corpo, beija o travesseiro, a pilastra. A mãe orienta a filha a extravasar suas energias no quarto, ela canta, ouve música. E não sabe como vai ser se a filha tiver que masturbar. “Nas pessoas com deficiência é muito difícil a sociedade pensar que eles tem necessidades sexuais”.

## Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano Educação e Inclusão Escolar

### Entrevista com o professor

Nome: Enemilson Soares Costa

Escola: Instituto Menino Deus

Série: 3ª Data: 20/07/2010

- 1- Qual o seu nome?
- 2- Qual a sua formação?
- 3- Você recebeu instruções para trabalhar com educando especial durante o seu curso?
- 4- Você já trabalhou com alunos especiais?
- 5- Você recebeu instruções para trabalhar com a atual aluna?
- 6- Qual o tipo de escola é mais adequado para trabalhar a questão da inclusão?
- 7- A escola em que você trabalha está capacitada para receber estes alunos?
- 8- Quais os recursos que a escola te oferece para trabalhar com o educando especial?
- 9- O educador por si só garante a inclusão da criança especial?
- 10- Como foi para você ao saber que ia receber uma aluna especial?
- 11- Quais os desafios que você encontra para trabalhar com a questão da inclusão?
- 12- O aluno especial é estimulado a plena participação de atividades extracurriculares? Como?
- 13- A educação de alunos especiais tem o mesmo objetivo da educação de qualquer cidadão? Quais são os objetivos propostos?
- 14- Quais são os pressupostos e os paradigmas da educação especial?
- 15- Qual o papel da família no processo de inclusão desta criança especial?
- 16- Existe na escola serviços de apoio à família?
- 17- O que faz para ajudar na educação da criança com Síndrome de Down?
- 18- Qual o seu conhecimento sobre a deficiência intelectual?

#### Respostas:

- 1- Enemilson Soares Costa.
- 2- Bacharel em Ciência Contábeis.
- 3- Não.
- 4- Não.
- 5- Sim, da própria escola "Direção/Coordenação".
- 6- Toda escola segundo a LBD deve se adequar à essa questão, garantindo o êxito escolar.
- 7- Sim, pois temos uma especialista "Direção".
- 8- No momento tenho recebido apenas orientação do coordenador quanto as atividades a serem aplicadas.

- 9- Não, penso que educação é como música um instrumento auxilia o outro.  
“Todos pela educação” esse é o lema que tipifica o termo educação.
- 10-Foi um choque, pensei que não fosse capaz.
- 11-Fundamentação teórica;  
Conhecimento de tarefas;  
Suporte (atividades);  
Aplicabilidade dessas tarefas aos outros mecanismos.
- 12-Sim, valorizando o aspecto familiar.
- 13-A objetividade é diferente, mas ainda não a conheço.
- 14-Não sei.
- 15-Exercer a educação compartilhada.
- 16-Sim.
- 17-Oferecer suporte para desenvolver a motricidade, fala, interação com o grupo  
(valorização pessoal).
- 18-Não Conheço.

### Entrevista - Victória, 13 anos

1. Quantos anos você tem? Ela diz 13.
2. Como sua mãe chama?  
Rejane.  
O pai Adalberto.
3. De quem você gosta mais do pai ou da mãe?  
Do pai?
4. Você gosta de estudar?  
Sim.
5. O que você mais gosta na escola?  
Dançar.
6. Em sua sala de aula qual o colega que você mais gosta?  
Thainá.

## **Questionário realizado com os colegas de Victória**

1. A família é importante para nós? Por quê?
2. Qual a importância dos amigos em nossa vida?
3. Vocês conhecem alguma pessoa especial?
4. Como devemos tratar as pessoas especiais?
5. Em sua sala de aula tem algum coleguinha especial?
6. Como é estudar com uma colega especial?

## Anexos



Universidade de Brasília – UnB  
Instituto de Psicologia – IP  
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED  
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS  
Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

---

A (o) Diretor (a)

Escola: Instituto Menino de Deus.

De: Prof<sup>a</sup>. Dra. Diva Albuquerque Maciel

Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

Assunto: **Coleta de Dados para Monografia**

Senhor (a), Diretor (a),

A Universidade Aberta do Brasil - Universidade de Brasília está em processo de realização do curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, pela Universidade Aberta do Brasil UAB.

No momento estamos iniciando a fase de construção das monografias que representam requisito parcial para a conclusão do curso. Para elas, exige-se a realização de um estudo empírico sobre temas relacionados à inclusão no contexto escolar, cujas estratégias metodológicas podem envolver: entrevista com colegas, pais ou outros participantes; questionários; observação; e análise documental.

A realização desses trabalhos tem como objetivo a formação continuada dos professores/servidores da rede pública, subsidiando-os no desenvolvimento de uma prática pedagógica refletida e transformadora, tendo como consequência uma educação inclusiva.

Esse trabalho específico será realizado pela Professora/cursista **ANGELA CRISTINA DE ALMEIDA** sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Mestra Susana Silva Carvalho. O

tema é Dispositivos Legais da Inclusão, o que torna a escola sob sua direção contexto propício para construção de conhecimentos na área.

Nesse sentido, venho solicitar sua contribuição e autorização para o desenvolvimento dessa pesquisa no Instituto Menino de Deus. Asseguramos que os aspectos de ordem ética - garantia de sigilo das entrevistas e observações e autorização para utilização do gravador - serão rigorosamente respeitados em todas as atividades propostas.

Desde já agradeço, colocando-me a disposição de Vossa Senhoria para maiores esclarecimentos pelo e-mail [diva@unb.br](mailto:diva@unb.br)

Atenciosamente,

**Diva Albuquerque Maciel**

Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano,  
Educação e Inclusão Escolar

A handwritten signature in cursive script, reading "Regiane Soares Figueiredo".

Diretora do Instituto Menino de Deus

## TERMO DE CONSENTIMENTO LNRE E ESCLARECIDO

Senhores Professores,

Sou orientando do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil- Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre a inclusão do deficiente intelectual em sala de aula de escola regular de ensino ..

Este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores nesse contexto de ensino.

Constam da pesquisa a aplicação de questionários com os professores, e realização de entrevistas com os alunos, principalmente o deficiente, objeto de estudo; no intuito de compreender como os docentes envolvidos em processos inclusivos pensam sobre esta temática, e desenvolve seu trabalho.

Para isso, solicito sua autorização para participação no estudo.

Esclareço que a participação no estudo é voluntária. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo a você. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o (a) senhor (a) poderá me contatar pelo telefone 73-81448257 ou no endereço eletrônico [ancrisdeal@hotmail.com](mailto:ancrisdeal@hotmail.com). Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Respeitosamente,  
Angela Cristina de Almeida



Orientada do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade de Brasília(UAB-UNB)

Concorda em participar do estudo?  Sim ( ) Não

Nome: Emmil Soares Costa

Assinatura: 

E-mail (opcional): soaresiem@hotmail.com

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhores Pais ou Responsáveis,

Sou orientando do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil- Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre a inclusão do deficiente intelectual em sala de aula regular.

Este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores nesse contexto de ensino.

Constam da pesquisa observações das situações cotidianas e rotineiras da escola, entrevistas com os alunos e com os pais, no intuito de colher opiniões sobre o desenvolvimento das atividades escolares inclusivas.

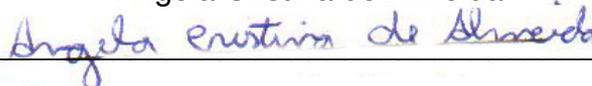
Para isso, solicito sua autorização para que seu (sua) filho (a) participe do estudo. Esclareço que a participação no estudo é voluntária. Seu (sua) filho (a) poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo ou alteração dos serviços disponibilizados pela escola. Asseguro-lhe que a identificação de seu (sua) filho (a) não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o (a) senhor (a) poderá me contatar pelo telefone 73- 81448257 ou no endereço eletrônico [ancrisdealm@hotmail.com](mailto:ancrisdealm@hotmail.com). Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

Angela Cristina de Almeida



Orientada do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil – Universidade de Brasília (UAB-UnB)

Sim, autorizo a participação de meu (minha) filha(a) Victória Tamagno Pereira neste estudo.

Nome: Rejane Aparecida Tamagno

Assinatura: Rejane

E-mail (opcional): rejane.tamagno@yahoo.com.br